

Mulheres Ucrainianas e a Religião na cidade de Prudentópolis (PR) – Identidade e cultura¹

Profa. Dra. Sandra Mara Tenchena

Resumo

Os ucranianos, importante grupo de imigrantes que rumou para o Paraná como trabalhadores livres no início do século XX, construíram atividades importantes para a vida cultural da região e para a economia local. Em Prudentópolis, dentre os grupos que respeitam a tradição, nota-se uma relação assimétrica de gênero em que os espaços reservados ao homem e à mulher são bem definidos e hierarquizados, bem como as relações familiares são marcadas pelo estilo da família Patriarcal. Tendo em vista esses pressupostos, esse artigo teve como objetivo principal compreender o papel da mulher ucraina no cumprimento de suas funções e o seu desenvolvimento no decorrer dos tempos e a influência das irmãs ucranianas que atuam no colégio Ucraniano Imaculada Virgem Maria tradicional na região, pois todas as minhas entrevistadas estudaram no colégio ucraniano em Prudentópolis. Portanto, recorri ao exercício da pesquisa sistemática pela participação observante de ritos e costumes tão familiares, com o intuito de recuperar os costumes tradicionais, com vistas a produzir, inicialmente, uma etnografia que evidenciasse, as mudanças pelas quais o feminino ucraniano passou ao longo do tempo.

Palavras-chave: mulher, freira, família, tradição, identidade

Abstract

The Ukrainians, an important group of immigrants who went to Paraná as free workers in the early 20th century, built important activities for the cultural life of the region and for the local economy. In Prudentópolis, among the groups that respect tradition, there is an asymmetrical relationship of gender in which the spaces reserved for men and women are well defined and hierarchical, as well as family relations are marked by the style of the Patriarchal family. In view of these assumptions, this article had as main objective to understand the role of ukraine women in the fulfillment of their functions and their development in the course of time and the influence of the Ukrainian sisters who work in the Ukrainian Immaculate Virgin Mary traditional college in the region, because all my interviewees studied at the Ukrainian college in Prudentopolis.

Therefore, I turned to the systematic search for the observant participation of rites and customs so familiar, with the purpose of recovering the traditional customs, with a view to producing, at first, an ethnography that evidenced, the changes for which the Ukrainian feminine passed along the time.

Keywords: woman, nun, family, tradition, identity

¹ Este artigo tem como base a pesquisa de mestrado que desenvolvi, no período de 2006 a 2010, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. As informações apresentadas foram coletadas em levantamento bibliográfico, pesquisa de campo, entrevistas com informantes e pesquisas em arquivos históricos da cidade de Prudentópolis - Pr no mesmo período.

Na época da colonização, a população de Prudentópolis era constituída majoritariamente pelo contingente ucraniano. Mas, assim como ucranianos, a cidade de Prudentópolis também foi povoada por outros povos com outras culturas (poloneses, alemães, italianos) que também foram para a região no Paraná, porém, segundo dados colhidos nos documentos que guardam a memória da região, o imigrante que mais se sobressaiu e deixou suas marcas foi o ucraniano.

O ucraniano vivia numa economia de subsistência. Conforme o relato da senhora Valdomira:

Eles vieram da Ucrânia, contavam que tinham muita saudade de lá, o meu avô, mataram ele na Ucrânia, eles diziam que lá era muito perigoso. O pai também veio de lá, diziam que lá a lavoura era muito mais fácil do que aqui, no domingo todos iam a igreja. Quando eles chegaram não tinham onde ficar, o governo disse que se responsabilizaria em dar assistência, mas ajudou pouco. Ficaram em casas pequenas, até eu me lembro daquelas casas que eles faziam, de tabuinha, a repartição quase nem tinha, os rapazes dormiam num canto e as moças em outro. Eles faziam essas tábuas com as próprias mãos não tinham ferramentas, nada, estavam arrependidos de terem vindo pra cá (...). Mas a terra era muito boa, meu pai “fazia roça” plantava trigo, milho, criava porco, galinha e na horta sempre tinha verduras e legumes. Meu pai era um homem muito bravo, mas gostava de ajudar os mais pobres sempre que matava um porco mandava levar um pedaço grande para uma família que morava perto e era muito pobre.

Depreende-se, dessa narrativa, o padrão seguido pelos imigrantes ucranianos segundo o qual se apresenta uma trajetória de muito trabalho, muito suor, labuta, sofrimento, dificuldade de adaptação onde as leituras dos atos cotidianos femininos são relidas à luz da necessidade de uma nova visão de mundo trazida pela imigração.

Segundo Burko:

Ao desembarcar no Brasil, o imigrante que vinha da Ucrânia deveria provar suas primeiras decepções e amarguras. Que doloroso contraste entre o que ele sonhara antes e a realidade que sobreveio depois! Durante a viagem a sua imaginação ansiava por antever coisas maravilhosas, por vislumbrar no horizonte, que ficava além das águas do oceano, um mundo resplendente, onde tudo era novo, radiante, fácil (...). Fugia ele das dificuldades, das perseguições religiosas e políticas, da guerra, da dominação de estrangeiros, da miséria e, algumas vezes, da própria fome. E, navegando, entusiasmava-se de poder, dentro em breve, estar longe de tudo isso. Logo ele construiria, no seu vasto quinhão de terra virgem e fértil, a sua nova casa branca, onde reuniria todos os seus pertences, onde às tardes esperá-

lo-iam voltar do trabalho a mulher tranquila, com o “*borshch*”² fumegante na mesa, e os filhos crescidinhos, sadios e alegres, tentando falar uma língua nova que aprenderiam na escola, quiçá estranha, mas sempre tão doce de ouvir e falar. – Tudo isso se lhe pintava na imaginação às tardes, no alto-mar, quando o navio, que o transportava para o novo país ia singrando vagaroso as águas do Atlântico. (...) Ao chegar a seu destino, o imigrante percebeu logo que o belo trama de sua imaginação deveria ceder à realidade muito outra, distinta, bem diversa da que sonhava. Ele deveria passar, antes de tudo, por uma nova série de dificuldades, até que aos poucos, com perseverança, e tenacidade, que são o único caminho da autoafirmação, atingisse aquilo com que havia sonhado, quando deixara a sua amada aldeia na pátria longínqua, e quando viajava no alto-mar. (Burko, 1963, p. 51)

Quem imigrou se aventurou e buscou novas possibilidades para além de qualquer dificuldade. Queria terra para trabalhar, condições, espaço de sobrevivência, circunstância que a região de Prudentópolis oferecia.

O choque cultural foi inevitável, mas, como quaisquer outros imigrantes, os ucranianos buscaram formas de adaptação, aderiram a determinadas práticas culturais e sociais, mantiveram outras. Nesse sentido, o trabalho de adaptação para o imigrante à nova região foi lento e ardoroso, independentemente de qual país ele tivesse vindo.

Da mesma forma, o nativo, o polonês, o italiano e o alemão, que à época constituíram a população local, com muito esforço. Todos os imigrantes entraram num processo de negociação, ora acolhendo, ora rejeitando, ora estranhando a nova cultura trazida pelos ucranianos.

Assim a noção de ethos e visão de mundo discutida por Geertz (1989) ilumina a possibilidade de entender as negociações desenvolvidas pelos ucranianos da região de Prudentópolis, principalmente quando o autor mostra que,

(...) os aspectos morais (e estéticos) de uma cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “ethos”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais firmam designados pelo termo “visão de mundo”. O “ethos” de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. (Geertz, 1989, p. 93)

Esta noção torna-se eficiente nesse contexto de encontros dos ucranianos com outras etnias, uma vez que, na interação entre esses grupos, houve um confronto entre

² Sopa típica ucraniana, de sabor azedado, feita com beterraba vermelha, repolho, pedacinhos de carne, batata, etc.

ethos diversos, em que o ucraniano, por sua condição de estar disposto a tudo para se adaptar à nova situação, por vezes conseguiu fazer prevalecer sua visão de mundo.

Ao confrontar-se com grupos diferentes, o ucraniano tomou uma consciência de identificação incômoda no que diz respeito à relação entre o diferente dos seus costumes. Os relatos dos entrevistados mostram que as maneiras de interação com as outras etnias e as maneiras como, por vezes, eram tratados por estes eram o reflexo desse enfrentamento com o outro. Tal situação pode ser observada na fala da senhora Valdomira:

(...) no colégio Santa Sofia (Polonês), éramos cinco professoras ucranianas, mas não era permitido falar em ucraniano, eu aprendi alguma coisa em polonês, nós falávamos mais em português. Os poloneses não guardaram muito da sua cultura, eu nunca fui num jantar ou almoço dos poloneses.

Subsiste na narrativa padrão, enfaticamente apoiada na guarda da preservação étnica e na identificação de uma rede de relações, segundo a qual a integração étnica só se dá pelo alargamento futuro de horizontes relacionais. Mesmo assim, apesar dos esforços individuais, as fronteiras étnicas se apresentam rígidas.

Por meio da fala da entrevistada podemos observar, no caso de Prudentópolis, que o contato entre estes segmentos não foi, de forma alguma, harmoniosa, mas repleto de conflitos. No entanto, o que se percebe nesse enfrentamento é o predomínio da cultura ucraniana, uma vez que o elemento tradição ucraniana prevaleceu nos lares e na igreja.

Dessa forma, deparamo-nos com Prudentópolis como um lugar com características particulares, com um povo muito peculiar, sobretudo em sua maneira de lidar e manter um cotidiano com a tradição movida pela fé cristã e, com uma participação ativa de suas mulheres que lutam para preservar e manter suas tradições e costumes.

Ainda hoje, Prudentópolis continua com um perfil rural e diferencia-se de outras áreas do Estado, justamente por ainda conservar muito as tradições populares dos ucranianos. Pela observação participante e pelas minhas memórias de nascida na região, pude constatar que a população da cidade se considera “guardiã” da cultura ucraniana. Sua religiosidade, aliada ao gosto pelas brincadeiras, danças e festas, rituais, cultivo de devoções individuais e/ou familiares transforma as comemorações durante o ano e o seu cotidiano em motivo especial para reavivar velhas tradições, reforçar laços de origem, incorporar novos elementos e anseios, conservar a memória.

Neste contexto torna-se necessário concluir que, nos inúmeros conceitos sobre identidade, encontram-se as discussões ligadas à questão da cultura da participação feminina.

Tendo como objeto de estudo “a mulher ucraniana suas tradições e a religião”, procura-se aprofundar a discussão sobre identidade, destacando a construção da identidade cultural como processo e busca de afirmação de uma sociedade local.

O conceito de identidade é muitas vezes articulado ao conceito de cultura, ao mesmo tempo em que consideramos a cultura como uma realidade plural e sempre em processo de construção, ou seja, a cultura é uma unidade, um conjunto de expressões do ser humano.

Cuche ainda diz que:

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficiência social, produzindo efeitos sociais reais. (Cuche, 1999, p. 182)

O Colégio ucraniano Imaculada Virgem Maria teve muita influência na educação de vários jovens da região, este foi fundado segundo o site da instituição, em 1911, quando as irmãs Valdomira Penhonjek, superiora, Irmã Anatólia Bodnar, Irmã Sofia Ramach e Irmã Eumélia Klapouchuk servas da imaculada Virgem Maria vindas da Ucrânia chegaram a Prudentópolis. No início, sob a direção da irmã Valdomira, funcionava o ensino primário, tal instituição era frequentada por alunos de Prudentópolis e de outros municípios, principalmente por descendentes de ucranianos, em que as meninas ficavam em regime de internato. Famílias mais abastadas da região pagavam para que suas filhas frequentassem o colégio (descendentes de ucranianos e de outras etnias) e por ser um colégio filantrópico meninas carentes também ficavam como internas nesse colégio na condição de “bolsistas”, estas realizavam tarefas dentro do colégio e seus pais contribuía como podiam doando, à instituição, mantimentos que colhiam em suas propriedades. De início as aulas eram ministradas em ucraniano até que as religiosas contrataram a professora leiga Helena Kowalchuk para lhes dar aula de português. Eram ministradas ainda aulas de costura, tricô, bordado, enfeite de flores, datilografia, piano,

acordeon e violino. Hoje, segundo a secretaria da Educação, o Colégio Imaculada Virgem Maria é um dos cinco colégios mais antigos ainda em atividade no estado do Paraná.

Como nos mostra Madalena ao narrar:

Algumas adolescentes do sexo feminino eram convidadas a permanecerem por um determinado período em colégios pelos quais uma comunidade religiosa – freiras servas da Imaculada Virgem Maria vinda da Ucrânia eram responsáveis. O intuito era o de educar esses grupos para a vida. Esses grupos geralmente composto por meninas que tinham algum tipo de dificuldade pra frequentar escolas (devido ao fato de morarem longe das mesmas), algumas devido a questões sociais (dificuldades financeiras dos pais em manter o filhos), bem como o próprio carisma desse grupo de religiosas que tem como um dos objetivos a educação feminina dos imigrantes ucranianos, visando a mulher integrada na sociedade. Essas instituições são de cunho filantrópico. As jovens eram mantidas pelas instituições religiosas com a contribuição dos pais das mesmas que colaboravam da forma como os mesmos podiam doando alimentos provenientes do cultivo próprio e criação de animais e a comunidade ucraniana auxiliava com doações de roupas, alimentos, enfim como lhe aprouvesse. Os colégios como são chamados tais locais, geralmente são grandes e alguns são colégios particulares onde jovens carentes estudam sem pagar as mensalidades. Existe uma programação de atividades de manutenção dos ambientes das instituições bem como aulas de ucraniano, artes manuais, dança, cozinha, leituras e orações. Tal programação busca contemplar integralmente a formação das jovens.

O colégio também tem a função de formar religiosas conforme o site da própria instituição relata que a Irmã Anatólia Tecla Bodnar, como mestra de noviças durante treze anos, contribuiu para a formação de um grande número de Irmãs Servas que dão continuidade à obra da congregação nascida na Ucrânia e espalhada na diáspora. Exercendo o cargo de Superiora Provincial durante vinte anos, entre inúmeras dificuldades, consolidou a Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada em terras brasileiras, abrindo seguras perspectivas para o futuro.

Conforme nos relata outra entrevistada, existe uma crise de vocação, mas, quando se trata das irmãs ucranianas, todos se surpreendem com o número de jovens que querem dedicar-se a vida religiosa, mas é claro que as exigências para que as jovens venham a integrar o grupo de religiosas não são mais tão rigorosas, pois o colégio atualmente aceita meninas que vêm de um casamento interétnico como, por exemplo, filhas de ucraniano casados com poloneses em que muitas delas não sabem falar o idioma ucraniano, mas querem entrar para a congregação, sendo aceitas e orientadas segundo as tradições ucranianas.

Assim nos relata a entrevistada:

Antes as meninas vinham para o noviciado sabiam o que queriam e perseveravam e quando vinham, vinham já pra ficar, pra ficar e se consagrar a Deus e aos irmãos, via o quê que é e assinavam a folha em branco. Hoje não, hoje elas vêm, mas assim, se ficar bom eu fico se ficar ruim eu saio. Essas noviças de hoje encontram muita dificuldade nessa vida consagrada. Pra essas meninas entenderem o porquê de estar aqui não é porque é pra ficar bom ou ruim é para fazer um trabalho, não, é uma profissão é missão. É uma missão é uma vocação estar com Jesus.

Jesus está no meio de nós ele ressuscitou só que isso é só através da fé e esta fé é preciso cultivar, é preciso porque se eu não cultivo esta fé vai ser muito fraquinha e por isso essas vocações que vem agora elas são muito fracas porque sãs famílias também não cultivam a fé como antigamente. A mãe o pai iam à igreja rezar ensinavam educavam nessa fé. Quando eu entrei nessa vida eu não sabia nada do que ia acontecer comigo, assim eu dei o meu sim na fé, como que Deus vai me levando pelos caminhos maravilhosos. É uma vida assim que se eu morresse e tivesse que nascer de novo e escolher novamente uma vocação eu escolheria a mesma vocação, a mesma congregação de tão bem que eu me sinto, então é uma graça, uma graça de Deus.

Atualmente, o colégio, de acordo com o site da instituição, ministra cursos de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O mesmo continua com a administração das irmãs e conta com o respeito da comunidade, sendo considerado um dos melhores da região, mantendo uma porcentagem de 20% de bolsas para alunos carentes. Porém, este não tem mais o regime de internato, somente as irmãs é que moram no colégio e limitam-se aos seus afazeres, oferecendo aulas de ucraniano, pêsanka, catequese, bordado, tudo, é claro, segundo as tradições ucranianas. Algumas atuam como professoras na rede pública de ensino e este mantém a formação de jovens que querem seguir a vida religiosa. Partindo dessa perspectiva, compreende-se que as identidades são construídas como múltiplas possibilidades por seus sujeitos sociais, ela não está pronta.

Os relatos das entrevistadas mostram que a população de Prudentópolis vem, com o passar dos anos, elaborando códigos, comportamentos e uma linguagem comum que mantém o imaginário social vinculado à manutenção das tradições ucranianas, resultando na maneira de como querem ser vistos pelos outros.

Hall fala da política de identidade – uma identidade para cada movimento. Portanto, as representações sociais – coletivas podem ser mudadas. Nesse ponto de vista, *“a identidade étnica pode funcionar como aglutinadora das necessidades sociais, políticas. Isso só pode se construir em uma dinâmica de relações* (Hall, 1997, p. 49).

Como podemos observar, existem dificuldades para que o mundo científico tenha uma definição única de identidade cultural. Talvez se faça necessária uma compreensão com alcance maior sobre identidade, trabalhando-a de forma interdisciplinar. Buscamos

uma articulação entre a história e a antropologia. Para tanto busco apoio em Geertz quando assume a cultura como:

Sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos causalmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade. (Geertz, 1989, p. 10)

Sendo assim, os símbolos e significados da cultura ucraniana, pesquisados em Prudentópolis, foram formados como símbolos partilhados pelos membros daquela comunidade.

A religião também era muito presente no cotidiano das mulheres, pois eram católicas praticantes e jamais em uma casa ucraniana podia faltar crucifixos e quadros de santos. Tais características ainda estão presentes em muitas casas tanto nas colônias quanto na cidade de Prudentópolis.

A pesquisa realizada permitiu constatar que a mulher ucraniana é extremamente forte, meiga e divertida, são as mulheres que se colocam como cabeça do núcleo familiar, são elas quem discretamente falam e decidem tudo, conforme narra Madalena:

Quando se fala da mulher ucraniana vê-mo-lá dentro do contexto em cada tempo. No período da vinda dos primeiros imigrantes ucranianos para o Brasil a mulher ucraniana era vista como “submissa”, pois vinha de um país sob domínio comunista fugitivos de uma guerra, chegando a um país com costumes, língua e clima muito diferente da pátria mãe. Porém, dentro daquela realidade a mulher ucraniana revela-se como aquela que consegue organizar as tarefas domésticas direcionar os filhos e auxiliar o esposo no desbravamento das matas até que sejam trabalhadas para o cultivo das lavouras. Ela é a base da família, embora aparentemente submissa.

E Madalena continua em sua narrativa:

A família ucraniana sempre teve e tem em sua estrutura a religiosidade e a mulher é a orientadora dos filhos, do esposo bem como dos netos. Ela própria tem esse aspecto intrínseco que se manifesta claramente no seu dia a dia pela força com a qual ela “a mulher ucraniana” vive na sociedade.

Ou seja, as mulheres ucranianas são a base da estrutura familiar e são ouvidas por todos nas horas difíceis. Os relatos anteriores mostram claramente a função primordial da mulher ucraniana e essas características são possíveis de observar por meio de um contato mais profundo junto ao grupo, pois, de forma superficial, não é possível perceber. Sendo que todas as entrevistadas tiveram sua formação no colégio ucraniano de Prudentópolis mantido pelas freiras.

Ao pretender analisar a vivência de hábitos, de tradições, de rituais religiosos numa determinada população, faz-se necessário perceber, em matéria simbólica, como essa população se situa em grupo; como expressa não só suas emoções, como também constrói um estilo de vida a perfazer o seu cotidiano. Conforme nos fala Irmã Silvia:

Eu vejo nos que vêm me procurar, querem fazer teoria sobre iconografia, curso de pêsanka, bordado ucraniano, eles conhecem o valor dessa cultura e estão procurando. (...) A tradição ucraniana é muito bonita, olha esse irmão marista, esse reitor que nos visitou, ele disse: “quero um quadro com ícones da tradição ucraniana, porque eu estou admirando, eu gostei muito é muito bonito”.

Irmã Silvia expressa a satisfação de ter o reconhecimento da academia, que valoriza a arte ucraniana que ela mantém viva e lhes dá um lugar na história, apesar de a sociedade de Prudentópolis, às vezes, não lhe dar o devido reconhecimento e até mesmo em alguns momentos a excluir. Esse reconhecimento valorizado, de um lado, enfatiza a responsabilidade das mulheres na preservação e reprodução da arte ucraniana e, por outro lado, quando não reconhecido, demonstra certa transformação da comunidade ucraniana quando se refere ao poder do traço tradicional da arte e da força da mulher.

Entendem-se esses hábitos e tradições que se alimentam da religião e tudo que lhe faz alusão, como um sistema de produções simbólicas, portanto um sistema cultural, segundo Geertz, em que o mundo vivido e o mundo imaginado se fundem num só mundo.

A pesquisa com essa população evidenciou que as tradições, em seu meio, concentram-se na sua maioria nos espaços religiosos – Igreja Católica do Rito Ucraniano. Segundo Luciqueli:

A cultura ucraniana me encanta, gosto do jeito da minha vizinha, ela é bem ucraniana, a casa dela é bem colorida que dá um clima mais gostoso. Sinto-me bem sendo descendente de ucranianos, porque eu gosto de Prudentópolis e Prudentópolis é uma cidade ucraniana e gosto de fazer parte, de ir a igreja ucraniana, nos jantares ucranianos.

Luciqueli relata a história revisitada agora por descendentes de ucranianos, procurando demonstrar que chegou à atual situação por ter mantido sempre o gosto pela

estética tradicional ucraniana sustentada nas bases do padrão fornecido pela religião católica de rito ucraniano.

O ucraniano veio, cresceu, tem uma experiência que está atrelada ao moderno, hoje, o descendente viaja, vai para Europa, EUA, estuda fora da cidade tentando manter alguns vínculos das tradições na alimentação, na arte, no bordado, na dança e na religião.

Irmã Zita madre superiora do colégio ucraniano de Prudentópolis é um exemplo dessa nova mulher prudentopolitana, ela viajou para a Europa, América Latina entre outros países. Ela é conhecedora de várias coisas, ela não ficou blasé diante das transformações e, quando chega à cidade de Prudentópolis, ela reorganiza as suas relações com o lado tradicional da cidade. Ela entrou no circuito das transformações e fez adaptações que permitiram vivenciar ao mesmo tempo esse ciclo das diferenças e das tradições.

À medida que Prudentópolis ruma para se constituir em uma pequena metrópole, ao mesmo tempo, ela vai se segmentando internamente com grupos mais tradicionais e outros menos e, ao se fragmentar, ela vai trazendo traços típicos de uma vida mental diferenciada de alguns grupos centrados nos caminhos da subjetividade tradicional, outros indiferentes desse encontro e outros saindo desse estado ficando lá e forçando a entrada das mudanças.

Outro fato que chamou minha atenção é que descendentes que retornam para as festas estão tirando fotos e filmando as cerimônias. A foto guarda a memória e os que estão fora querem guardar para mostrar aos seus como que as coisas são feitas.

Presente e passado nessa memória coletiva não está mais homogênea, ela está fragmentada e traz diferenças dos grupos no que diz respeito à guarda dessa memória, uns guardam mais forte essa tradição, outros fazem um mix com as experiências dos trajetos de contatos com outras cidades.

Considerações finais

No decorrer desses anos de pesquisa, muitas foram as contribuições que nos enriqueceram, dentre elas cito de forma particular a experiência de construção de pesquisadora ao realizar o estudo etnográfico da cultura ucraniana na cidade de Prudentópolis, mergulhando mais profundamente no contexto da mulher que tem o papel de transmitir as suas tradições as gerações futuras.

Toda investigação a que nos propusemos a desenvolver é composta de desafios. Como descendente de ucranianos tal vínculo poderia interferir no resultado final deste

trabalho, portanto se fez necessário um desprendimento e uma postura de respeito e, ao mesmo tempo, de distanciamento para dar conta da complexidade que envolve os sujeitos da pesquisa.

Diante da complexidade encontrada nas mulheres, em especial da comunidade ucraniana da cidade, instiguei-me a realizar um estudo utilizando a “descrição densa”, no qual Geertz, em suas ideias principais, propõe a observação de outras culturas, atento a uma compreensão dos vários aspectos pelos quais os membros de uma sociedade constroem um determinado tipo de conduta. No entanto, o autor não é alheio à grande dificuldade que essa proposta acarreta, pois, segundo ele, “os sinais ou elementos simbólicos que compõem um sistema semiótico têm uma conexão ideacional com a sociedade em que se apresentam” (Geertz, 1997, p.150). Isso mostra que existem significados que estão articulados em todas as dimensões da vida de determinada cultura. O desafio, portanto, consiste na análise da lógica da vida real, que se apresenta de forma subjetiva dentro do sistema simbólico, que é formado pelas interações dos indivíduos numa dada sociedade. A essa interpretação fundamentada em Geertz, submetemos este trabalho num propósito de aprofundamento da pesquisa etnográfica.

Com base em seu pensamento, busca-se chegar a exercitar a compreensão de um universo significativo do Outro. Consciente, porém, dos limites, pois além de intérprete de segunda e de terceira mão, pesam ainda os conflitos que as próprias interpretações acarretam em si.

Buscou-se, mediante a investigação da sociedade em estudo, perceber formas simbólicas e significações culturais implícitas nas ações sociais, no caso, nas tradições que perfazem seu cotidiano, não para afastar-se dos dilemas existenciais, ao contrário, para inserir-me no meio deles.

No que tange a esse tipo de análise, convém proceder ao que o próprio Geertz nos desafia e aponta: o situar-se. Isso significa a disposição de fazer da pesquisa etnográfica uma experiência pessoal. No entanto, consciente da impossibilidade de apreender o significado no seu sentido pleno, ali implícito, porém com uma convicção da relevância que a busca de sentidos e significados num universo cultural pode ajudar a responder a questões intrigantes sempre mais crescentes no debate das ciências sociais, ou seja, são várias as estruturas sobrepostas, muitas vezes entrelaçadas, que as envolvem, e decifrá-las, bem como descrevê-las nem sempre é uma tarefa fácil, porém foi o que tentamos desenvolver ao longo destas páginas.

Assim, quando mergulhei no cotidiano das mulheres ucranianas de Prudentópolis, analisei as histórias de vida e estabeleci relações por meio de seus relatos com a construção de suas identidades, busquei compreender qual o papel da mulher na transmissão da cultura ucraniana e como as mudanças tecnológicas e econômicas interferiram na recriação de suas tradições.

Prudentópolis nos mostra que uma determinada coletividade procura enaltecer sua população e dar relevo à sua cultura, ainda hoje sua população é majoritariamente de ucranianos em números e expressão cultural, pois muitas das tradições que ali se desenvolveram se remetem à expressão proveniente do universo ucraniano.

Com base em meu convívio e observação no dia a dia com a população da cidade, nota-se que a tradição e a religião foram estratégias para aglutinar o que é lugar comum dos povos que fundaram a região e a cidade, mas vale lembrar que não se trata de um momento específico em que objetiva e intencionalmente foram criadas as tradições no lugar, uma vez que estas fazem parte de um processo que foi se desenvolvendo ao longo dos anos, criando-se e recriando-se de forma gradual.

Nesse sentido, é possível perceber que a tradição em Prudentópolis apresenta-se como um espaço subjetivo em que a população da cidade pode se identificar, por isso encontrou nas festas tradicionais ucranianas e na religião sua forma de existir e com elas reconstrói e busca afirmar sua identidade.

Apoiando-me em Halbwachs (1990), que considera que a memória não é um produto de uma atividade meramente subjetiva e individual, pois, estando o indivíduo inserido em um grupo, tem sua memória influenciada por valores, modos de vida e representações. Ao resgatar o passado das mulheres da comunidade ucraniana de Prudentópolis vieram à tona tais significados.

Nos últimos anos é inegável que ocorreram mudanças em relação às mulheres na sociedade brasileira, principalmente no que se refere à ocupação do espaço público. Se antes a concepção de ser mulher atrelava-se ao casamento e à maternidade, agora está mais voltada para a inserção no mercado de trabalho. Ao investigar o passado das mulheres ucranianas de Prudentópolis, fazendo a leitura de suas lembranças, não se pode desconsiderar que suas histórias são produto de uma realidade específica, fazem parte de uma região onde a cultura ucraniana tem um papel predominante. A construção de identidade dessas mulheres se fez em torno da religião e tradição em que, para muitas, o que prevalecia era a vida em torno da maternidade e dos cuidados da casa e do marido, sempre segundo os costumes passados de mãe para filha.

As mulheres mais velhas, quando entrevistadas, relataram-me as marcas de uma educação rígida de acordo com os costumes ucranianos nos quais a mulher deveria ser resguardada para o casamento, pois se observa a demarcação entre os papéis femininos e masculinos, outorgando maior liberdade ao homem, porém observa-se que a mulher ucraniana também conversava muito com seu marido e os dois chegavam a um consenso, ou seja, aparentemente o homem ucraniano machista aceitava sugestões de sua esposa e estava aberto ao diálogo.

No intercâmbio entre passado e presente, refazem, reconstroem, repensam com imagens atuais as vivências e tradições passadas. As mulheres mais jovens, por terem nascido em um momento histórico mais privilegiado, no que tange às conquistas femininas e pelo fato de terem tido mais acesso à escolaridade e à inserção no mercado de trabalho, evocam uma educação pautada por comportamentos menos rígidos, levando-as a usufruírem de maior liberdade nas escolhas de seus parceiros e profissão, mas não deixam de lado os costumes, as tradições e a religião, adaptando-as ou recriando-as ao novo contexto.

No que se refere à construção das identidades das mulheres da comunidade ucraniana, tendo como base a pesquisa realizada, tanto bibliográfica quanto a de campo, é possível afirmar que tais identidades não se formam somente com elementos da igreja católica do rito ucraniano do qual fazem parte. As mulheres estão presentes em diversos ambientes que funcionam como espaços de sociabilidades os quais exercem de alguma forma uma influência sobre esses sujeitos.

Entretanto, esta pesquisa evidenciou que a família e a religião são as principais influências na formação das identidades dessa comunidade.

Observa-se que as mulheres, nossas interlocutoras nessa pesquisa, demonstram haverem feito um movimento em direção à igreja e aos grupos tradicionais da cultura ucraniana, encontrando sentido de proteção. Nesses espaços, essas mulheres são reconhecidas e valorizadas, são detentoras de uma cultura milenar que criam e recriam junto à comunidade. Mas, essas mulheres estão sendo influenciadas pelos novos tempos, pela tecnologia, pela economia, enfim, como manter a tradição diante de tanta coisa nova e mais atraente. Este parece ser um dos desafios que a pesquisa evidencia para essa comunidade, principalmente para as mulheres mais conservadoras que buscam juntamente com a igreja manter a tradição.

BIBLIOGRAFIA

- ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana para o Brasil. (1895-1995)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- _____. *O impacto da imigração no sistema familiar: o caso dos ucranianos de Antonio Olinto*, PR. Abril/2007. Disponível em <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/vol11n1/art03_andreazza.pdf>. Acesso em: 04 Out. 2009
- ASZEWCIW, I. *O milênio do cristianismo na Ucrânia*. Curitiba: Vicentina, 1988.
- BANDINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora Fundação Unesp, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. Fatos e mitos*. Trad. Sergio de Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas v. 1).
- BOSI, Alfredo. *Cultura como tradição*. In: BECKER, David P. *Cultura brasileira tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BORUSZENKO, Oksana. *Os ucranianos*. 2. ed. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba, v. 22, nº 108, out., 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- BURKO, Valdomiro. *A Imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba: Cobrag, 1963.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom – o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes. 1998.

- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.
- CANEJO, Monica. *Prudentópolis: a Ucrânia que adotou o Brasil*. Caminhos da terra setembro/2006. Disponível em: http://www2.uol.com.br/caminhosdaterra/reportagens/148_prudentopolis.shtml. Acesso em: 04 Out de 2007
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- COSTA, Maria Zenaide, *A festa em Pindaré-Mirim: nos trilhos da história a afirmação de uma identidade*. Tese apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: Edusc, 1999.
- FOCAULT, Michel. *A constituição do sujeito*. Trad. Márcio Alves Fonseca. São Paulo: Educ, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GIDDENS, Antony. *Consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GODELIER, Maurice. *O enigma da dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- GOUVEIA, Eliane Hojaij. *O silêncio que deve ser ouvido: mulheres pentecostais em São Paulo*. Tese apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Biblioteca Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1997.
- HANEIKO, Valdomiro. *Em defesa de uma cultura*. Rio de Janeiro: Cobrag, 1974.
- _____. *Uma centelha de luz*. Curitiba: Kindra, 1975.
- HOBBSAWM, E., RANGER T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KOTVISKI, Vilson José. *Pêssanka – da Ucrânia pra o Brasil: contexto histórico e manual ilustrado da arte*. Paraná: Kaygangue, 2004.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. 5 ed. São Paulo: Papirus Editora, 2005.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 1974.
- _____. *Sobre o sacrifício*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- NAVROSKI, Raquel. *O mito sol nas cantigas de natal e de primavera*. Monografia apresentada à Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus Irati, 1997.
- NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, 10. São Paulo: Educ, 1993.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. *Estudos Históricos*, 3. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1989.
- _____. *Memória e Identidade*. In: *Estudos Históricos*, v. 5, n.10. Rio de Janeiro: 1992.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de BARTH, Fredrik*. São Paulo: Unesp, 1998.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Trad. Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- SANTOS, Ivan Domingos Carvalho. *Memória Alimentar de Afro-descendentes, Descendentes de Poloneses e Italianos na Cidade de Curitiba*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2006.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e realidade: gênero e educação*. Porto Alegre, 1976.
- SONTAG, Susan. *Ao mesmo tempo Susan Sontag*. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.
- STEVART, John F. *Torturada mas inconquistável Ucrânia*. Curitiba: AJUB, 1983.
- SZEWCWU. I. *O milênio do cristianismo na Ucrânia*. 1.ed. Curitiba: Vicentina, 1988.
- TENCHENA, Sandra Mara. *Comunidade ucraniana: suas fronteiras étnicas e a religião*. *Revista Nures*, n. 14 – Janeiro/Abril 2010 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TSVIETKOV, Viaczesláv. *Pequena história da Ucrânia-Rush*. Curitiba: Eparquia Ucraino-Católica de São João Batista, 1994.

- ZAROSKI, Nelson Gilmar. *A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis: 1940-1960*. Monografia apresentada ao Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2001.
- ZYGMUNT, Bauman. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília/São Paulo: Editora Universidade de Brasília/Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1999.
- WOUK, Miguel. *Estudo etnográfico da comunidade ucraina de Dorizon*. Curitiba: Projeto, 1981.

SITES

- COLÉGIO UCRANIANO. www.colegiomariaimaculada.com.br
- GRUPO FOLCLÓRICO POLTAVA. www.poltava.com.br
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População estimada 2007. São Paulo, 14 Nov. 2007. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 03 Out. 2009.
- PREFEITURA DE PRUDENTÓPOLIS. www.prudentopolis.com.br